



| | |
|-------------------|--|
| Evento | Salão UFRGS 2015: SIC - XXVII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS |
| Ano | 2015 |
| Local | Porto Alegre - RS |
| Título | Razão intuitiva e sabedoria prática em Aristóteles |
| Autor | FELIPE JAQUES DE MORAES |
| Orientador | PRISCILLA TESCH SPINELLI |

Felipe Jaques de Moraes

Título: Razão intuitiva e sabedoria prática em Aristóteles

Este trabalho pretende examinar qual a função que Aristóteles atribui à razão intuitiva na sua discussão sobre a sabedoria prática. No início do livro VI da *Ética Nicomaqueia*, ele se coloca a tarefa de buscar pela justa regra que determina a mediania em que consistem as virtudes morais. Conforme a sua investigação avança, ele distingue cinco estados da alma pelos quais apreendemos a verdade: ciência, arte, sabedoria prática, sabedoria filosófica e razão intuitiva. Cada um desses estados é apresentado e suas características esclarecidas a fim de que fique claro o seu objeto e o modo como procedem. Para os fins do nosso trabalho, apresentaremos apenas a ciência, a sabedoria prática e a razão intuitiva. A ciência é uma disposição para demonstrar, cujo objeto é invariável (aquilo que não pode ser de outro modo) e universal. As demonstrações da ciência partem de princípios universais, mas esses não podem ser apreendidos de modo científico, sob pena de regredirmos ao infinito nas demonstrações (ou darmos justificações circulares). Caberá, assim, a um outro estado da alma a apreensão dos princípios universais das demonstrações científicas. Esse estado Aristóteles chama de razão intuitiva (*nous*). Já a sabedoria prática é a capacidade de bem deliberar sobre os bens humanos, sendo que a deliberação (ou raciocínio prático) só é possível sobre coisas variáveis (aquilo que pode ser de outro modo) e particulares. A princípio, a razão intuitiva não parece ter relação nenhuma com a sabedoria prática, sendo em certo momento do texto oposta a ela (1142a24), pois apreende o que há de mais universal e necessário, os princípios das demonstrações científicas. No entanto, Aristóteles dirá que a razão intuitiva está envolvida nos raciocínios práticos, apreendendo o fato último e variável (*eschaton*). Aparentemente, portanto, ela é requerida para o exercício da deliberação, atividade que o sábio prático é capaz de realizar virtuosamente. Conforme ficará claro no final do livro VI, a justa regra é a sabedoria prática. Para compreender como ela opera, é preciso, portanto, compreender como a razão intuitiva está com ela relacionada.